



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

NATÁCIA MARÍLIA ANDRADE GUIMARÃES

ALTER NATIVOS

Salvador

2016.2

NATÁCIA MARÍLIA ANDRADE GUIMARÃES

ALTER NATIVOS

Memorial do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção de grau de bacharel em comunicação com habilitação em Produção Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Bortoliero.

Salvador

2016.2

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Simone Bortoliero (Orientadora)

Prof. Dr. José Roberto Severino

Profa. Dra. Mariana Menezes Alcântara

RESUMO

Esta é a memória descritiva do projeto “*Alter Nativos*”, que teve como objetivo principal elaborar um livro reportagem sobre o processo migratório “cidade/mato” a partir da compreensão do fenômeno social da saída da cidade para o “mato”, local que simboliza a ideia de tranquilidade em contraponto à agitação do espaço urbano. O foco do projeto é o Vale do Capão, localizado na Chapada Diamantina. No Vale as pessoas buscam uma vida comunitária, a partir de uma organização social particular que privilegia o isolamento na zona rural. O princípio que rege a vida comunitária é a sustentabilidade, alicerçada no equilíbrio entre o meio ambiente e o ser humano. Ao longo do trabalho, realizamos pesquisa documental e viagem de campo, ferramenta importante para a compreensão do fenômeno. A partir dos dados recolhidos elaboramos o livro reportagem que objetiva reconhecer as transições e disputas de identidade do indivíduo que migra de um estilo de vida para outro, geralmente mais rústicos e com outros valores morais a serem considerados.

Palavras chaves: Identidade, Sociedade, Jornalismo literário, comunidade

*Eu ainda sinto a esperança como minha
concepção de futuro*

(Jean Paul Sartre)

SUMÁRIO

Introdução	7
Comunidades Rurais	9
O Vale do Capão	11
Alter Nativos	12
Jornalismo literário	16
Processo Criativo	18
O formato	18
Considerações finais	21
Referências Bibliográficas	22

Lista de Imagem

Imagem 01: Quadro de referência do site Pinterest..... p. 19

Imagem 02: Manual de construção da Enciclopédia Visual (2012)..... p. 20

1. INTRODUÇÃO

“*Alter Nativos*” surgiu a partir de uma necessidade pessoal, uma curiosidade de saber mais sobre a vida de pessoas que saem de grandes centros urbanos, deixam empregos estáveis, amigos, famílias e vão morar em comunidades rurais. O livro foi construído a partir de uma grande reportagem no Vale do Capão, na Chapada Diamantina. Seleccionamos três personagens centrais, duas mulheres e um homem, de diferentes origens, para contarem suas histórias. É importante destacar: o título surgiu a partir de uma das entrevistas em que um dos personagens, Zezito, afirma que o Capão é formado pelos nativos do local e pelos “alter nativos”, ou seja, os novos nativos, ou mesmo, outros nativos.

O livro conjuga dois temas que me sensibilizam desde sempre: sustentabilidade, ou melhor, um estilo de vida sustentável e a dinâmica das histórias de vidas. O ponto de partida de tudo isso foi o Documentário “*O mundo global visto do lado de cá*”, dirigido por Silvio Tendler, assistido, por mim, quando ainda cursava o segundo grau. O filme me cativou tanto que assisti várias vezes. O documentário despertou em mim o desejo de conhecer melhor as pessoas que se arriscam ao viver na contramão da globalização econômica, na contramão capitalismo. O tema surgiu nas pesquisas realizadas no semestre de 2016.2, no componente curricular que suscitou o anteprojeto. Os primeiros passos da pesquisa foram feitos em ecovilas que existem no Sul da Bahia. Após visitas e entrevistas exploratórias, percebi que o que ocorria naquelas ecovilas não se enquadrava exatamente aos objetivos do projeto. Nesse processo de busca, surgiu o Vale do Capão. O Vale do Capão não era algo novo. Na realidade, já conhecia o lugar e algumas pessoas que haviam optado por morar nele. Desde os primeiros contatos, o Vale Capão já havia me cativado. No período de elaboração do anteprojeto tive a oportunidade de trabalhar na Rede *Moinho*, uma cooperativa de comércio justo e Solidário, sediada em Salvador e como associados em todo o Estado da Bahia. Na Rede, conheci produtores do Vale do Capão e estreitei a relação com eles, aprendendo cada vez mais sobre as trajetórias de vida de cada um deles e o que levou cada um deles a viver no Vale. No

Capão encontrei os “*Alter Nativos*” que procurava. No livro conto a história desses moradores do Vale do Capão, pessoas ‘alternativas’ com estilos de vida sustentável.

Apesar de ser aluna de Produção Cultural, estou apostando em um produto ligado ao jornalismo. De todo modo, acredito que esse ‘produto’ faz parte da minha caminhada na FACOM, espelhando o que aprendi nos estágios realizados na área do jornalismo, como Agenda de Arte e Cultura e Agência de notícias em C&TI- Ciência e Cultura. Por outro lado, a formação no Laboratório de Fotografia da UFBA (LabFoto) abriu novos horizontes ao possibilitar o uso da imagem. Escrever a história foi um processo difícil que requereu muito aprendizado. Devo muito a minha orientadora que ajudou com referências de leitura e, sobretudo, conviveu com as limitações de uma iniciante que se aventurava.

Devo registrar também que a realização de um projeto de TCC abordando um tema que envolve a sustentabilidade e a opção pela vida no campo, está ligada ao trabalho voluntário que desenvolvo no IPB -Instituto de Permacultura da Bahia e, sobretudo, a minha trajetória de vida enquanto filha de pequenos agricultores que desenvolvem um projeto de implantação de uma Agrofloresta no Sul da Bahia.

O livro tem como objetivo revelar nas histórias de nossos personagens, a possibilidade concreta de se viver em uma comunidade rural de maneira sustentável e com qualidade de vida.

O próprio processo de construção do produto final foi influenciado pela pesquisa realizada no Vale do Capão. O livro possui uma estrutura rústica e formato pequeno que remetem a uma lembrança do capão, na qual se pode ler valiosas histórias da terra e dos seus moradores. O projeto gráfico surgiu na própria pesquisa: a escolha do papel ideal e o design do livro que visam uma maior aproximação com o leitor.

2. COMUNIDADES RURAIS

Morar em cidades, em pleno século XXI, tem sido apresentado como algo insustentável para um número crescente de pessoas. Destacam-se entre as principais justificativas para tal opção a poluição do ar, o custo de vida cada vez mais alto, a baixa qualidade dos alimentos, os problemas de mobilidade, a falta de contato com a natureza e, inclusive, o isolamento proporcionado pela vida urbana (individualismo). Na cidade, de qualquer forma, o tempo parece “andar rápido demais”. Essas são as justificativas apresentadas pelos indivíduos que optam por morar em lugares afastados dos grandes centros urbanos, mudando radicalmente seus modos de vida. Dentro desse cenário de distanciamento do cenário urbano, começaram a surgir, a partir dos meados dos anos 60, inicialmente na América do Norte e Europa, um movimento de retorno ao campo com a criação de comunidades rurais alternativas e, posteriormente, para vilas mais restritas que seriam denominadas ecovilas. O termo Ecovila é utilizado para designar uma “comunidade verde”, ou seja, uma comunidade que possibilitaria uma forma de viver em harmonia com a natureza. Essas ecovilas possibilitariam, portanto, um modo de vida sustentável, sobretudo, nos momentos de crises (econômicas e ambientais). Desde 1998, as ecovilas foram reconhecidas pela ONU como modelo de vida sustentável.

Variando de lugar para lugar, as ecovilas tendem a se basear nos conceitos básicos da permacultura, que é uma prática de design que busca integrar espaços ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis. O idealizador da permacultura, Bill Mollison, morou em uma comunidade na Tanzânia por 28 anos, até que percebeu que a natureza que o cercava estava se degradando e desaparecendo devido a predação do homem. Na tentativa de reverter a situação, ele resolveu estudar mais profundamente sobre o funcionamento do meio ambiente e criar um modelo interdisciplinar sustentável para preservar a natureza. O seu pensamento influenciou gerações por todo o mundo e serviu como alerta para a preservação da natureza e compreensão de que nós, seres humanos, também fazemos parte dessa grande teia. Para ele, as relações humanas e a qualidade de vida dialogam, diretamente, com a qualidade da terra, do ar e dos demais animais.

Assim como a reaproximação com a natureza, as comunidades rurais também estão tradicionalmente associadas a um movimento pela reconexão do indivíduo consigo mesmo e com os outros. Há uma grande busca pelo autoconhecimento, que envolve o conceito de um corpo, mente e “alma” saudáveis, materializada na alimentação saudável e consciente -a partir da (reaproximação com a) produção do seu próprio alimento (incentivando o consumo de alimentos orgânicos e evitando o uso de agrotóxicos)-, em práticas de meditação, yoga e outras terapias. Em soma, a escolha por viver em uma vila comunitária, remete à aproximação social, à possibilidade de cuidar uns dos outros, com a ideia de pertencimento a uma grande família. Por sua vez, a mudança de vida para esses lugares, também está associada à um estilo de vida mais economicamente viável. A Findhorn Ecovillage, uma das mais respeitadas e notórias ecovilas do mundo, situada na Escócia, surgiu em meados dos anos 60, por um casal que ficou desempregado e decidiu modificar seu estilo de vida em uma área rural, afastada da cidade na qual viviam. Aos poucos, o lugar foi crescendo e hoje já possui cerca de 200 habitantes. É considerada totalmente sustentável, com produção própria da maioria dos alimentos, energia solar e limpeza das águas de esgoto.

Além de uma reaproximação com a natureza, as ecovilas também estão tradicionalmente associadas a um movimento que busca a reconexão do indivíduo consigo mesmo e com os outros. Assim, como Findhorn, existem outros modelos de ecovilas ao redor do mundo. Cada uma possui seus princípios que norteiam as práticas dos moradores. No Brasil, o movimento de “retorno” para o campo foi bastante influenciado pelo movimento que estava acontecendo internacionalmente. As comunidades alternativas, ecovilas, começaram a ganhar adeptos na década de 70 e vem se fortalecendo, com passar os anos, nos mais variados espaços rurais do país. Hoje, existem cerca de 300¹ comunidades alternativas, no Brasil, que incluem comunidades que se reconhecem como ecovilas e outras que se reconhecem apenas como “alternativas”. O Movimento Brasileiro de Ecovilas (MBE), iniciado em 2011 e fundado pelo médico Márcio Bomtempo, busca integrar as comunidades nacionais de ecovilas, com a intenção de

¹ Segundo dados encontrados no site Irradiando Luz, disponível em <https://irradiandoluz.com.br/2015/10/ecovilas-e-comunidades-no-brasil.html> Acessado em 20 de maio de 2016

criar uma rede para trocar informação, conhecimento e dar apoio nos diferentes estágios “de vida” das ecovilas.

A ida para ambientes rurais foi tão relevante que, em alguns lugares, a concentração de pessoas, gerou o surgimento de pequenas cidades. O Vale do Capão foi um desses lugares. Situado ao norte da Chapada Diamantina, localizado em uma das regiões mais remotas da Chapada, o lugar atraiu pessoas de diferentes etnias que buscavam um estilo de vida alternativa. O local foi o refúgio de muitos indivíduos a partir da década de 70, no Brasil e no Mundo, em busca de uma terra para consolidar um estilo de vida rural e alternativo. Até a década de 50, o Capão foi explorado por grandes mineradoras. Após o auge da extração de minérios, houve uma grande migração dos nativos para grandes cidades, em busca de trabalho. Nessa contramão, chegaram os primeiros migrantes no lugar. Eles vinham de variados estados do Brasil e do mundo. No livro, há um recorte de vida de três personagens de diferentes origens: Salvador, Paraíba e São Paulo, que fizeram parte da construção do local.

2.1 O Vale do Capão

O nosso objeto de estudo se concentrou em personagens que residem na comunidade rural do Capão, dentro do município de Palmeiras, na Chapada Diamantina. A população de toda a Chapada é de cerca de 9.919 habitantes, segundo estimativa do IBGE, e se divide entre os centros urbanos e a área rural que possui cerca de 85% da população segundo Oliveira (2001). O Capão surgiu em 1839 quando foi brutalmente explorada na extração de minérios, como diversos lugares na Chapada diamantina, e após a escassez dos minérios sofreu uma grande imigração dos residentes. Por volta das décadas de 50 e 60 começou a reocupação da região. Os novos residentes, em sua maioria procuravam um estilo de vida mais alternativo. Nesse sentido, a vila foi sendo ocupada por pessoas com interesse por uma vida mais sustentável e próxima da natureza. Empreendimentos sustentáveis, ecovilas, centros holísticos deram para o Vale um novo sentido. Hoje o local é considerado um lugar místico que une a natureza exuberante com a população e seus métodos alternativos de viver. Para escrever as

histórias dos três personagens, viajamos para o Capão e passamos um período de 11 dias no povoado, no estilo de uma grande reportagem imersiva. O vilarejo fica localizado dentro do Parque Nacional da Chapada Diamantina. Durante o período, procuramos vivenciar, ao máximo, a rotina da localidade. Fizemos as trilhas ecológicas, participamos das feiras e, ao final, estávamos entrando na dinâmica do local. As conversas com os personagens ocorreram, durante o período, nas suas residências e locais de trabalho.

3. ALTERNATIVOS

No livro relatamos a história de vida de três moradores do Vale do Capão: Neidinha, Fabiana e Zezito. Para entender a rotina deles tivemos que nos aprofundar em temas como a Permacultura, que se baseia na construção de um ambiente sustentável e em harmonia com a natureza. Para compreender melhor, fizemos um aprofundamento sobre a história de vida Bill Mollisson, considerado o pai permacultura, bem como a leitura de sua obra. Bill Mollisson, após viver a juventude em uma comunidade e perceber que a natureza “precisava de ajuda”, por conta de um forte desequilíbrio ambiental observado na falta de peixe e chuva, elaborou estudos interdisciplinares, propondo uma relação de equilíbrio homem-terra. De acordo Mollisson, há muitos recursos no mundo,

Há terras, comida – tudo. O fato que algumas pessoas estão tentando acumular esses recursos é a razão para os problemas que temos hoje. Essa centralização dos recursos estendeu-se à centralização da energia, o que está causando nossa chuva ácida; e o controle centralizado do transporte, que resultou em nossas vias expressas. Estamos tentando criar oportunidades para que as pessoas possam sair desse sistema. (MOLLISSON, 1981)

A noção de permacultura criada por Mollisson, propõe uma interconexão entre as áreas ligadas ao design, à saúde, ao bem-estar espiritual, a educação e a agricultura. Dessa forma, a permacultura está alicerçada em uma série de iniciativas voltadas a sustentabilidade do ambiente, como, por exemplo, a captação e o aproveitamento da água da chuva e o tratamento de esgoto a partir da fitorremediação (utilização de plantas para tratar contaminantes de água e solo, para a retirada de metais pesado). Assim, as

tecnologias implementadas no processo da permacultura, tendem a usar os recursos naturais disponíveis, minimizando o impacto do homem no meio ambiente.

A partir da leitura do livro, *Meio Ambiente & Ecovilas*, da jornalista Giuliana Capello, foi possível perceber que a vida em comunidade alternativa possui regras de convivência e dinâmicas próprias que são importantes de serem entendidas. A jornalista morou grande parte de sua vida na cidade de São Paulo. Buscando um modo de vida mais próximo da natureza, decidiu se mudar para uma ecovila, no interior do estado. A trajetória de vida de Capello foi o nosso primeiro contato com histórias de pessoas que faziam esse movimento; portanto o livro foi um referencial muito importante para o projeto, ao servir como um relato desse estilo de vida. A autora, formada em jornalismo, conta sobre a sua imersão pessoal no assunto, após não conseguir viver mais na cidade de São Paulo. Hoje, Giuliana Capello vive em uma ecovila, no interior do estado de São Paulo, mesclando seu trabalho de jornalista com seu ativismo pela sustentabilidade. A obra serve para “ver de perto” as mudanças de uma personagem, na adaptação da sua estrutura de vida para algo mais ecológico, comunitário, em busca de uma conexão com a natureza, consigo mesmo e com outras pessoas. A leitura norteou o conhecimento, mesmo que superficial, do funcionamento das ecovilas, experiência feita por uma de nossas personagens.

O trabalho de Capello aborda como estão fundadas as estruturas econômicas e sociais das ecovilas e como a permacultura permeia essas estruturas (e suas filosofias), ao optar, por exemplo, pela bioconstrução (que remete à construção com menos impacto, reutilizando materiais, como vidro ou material de demolição, sem cimento, com redução de produtos químicos, priorizando o uso de barro e argila etc) ou pelas opções de produção e consumo alimentar (a partir da produção do próprio alimento, do consumo de alimentos locais, da criação de animais, etc).

Iniciei uma grande transformação interna, que incluiria também mudanças profissionais e de comportamento e consumo, com finalidade de adaptar meu estilo de vida à nova proposta: deixar a capital e, com ela, boa parte de velhos hábitos que, sentia, não cabiam mais neste mundo, para embarcar na aventura de morar em uma ecovila em início de

formação. (CAPELLO, 2013, p. 31)

Por sua vez, a imersão da jornalista ao conhecer e escrever sobre diversas ecovilas pelo mundo, como a Findhorn Ecovillage, permite uma maior compreensão de como a estrutura de funcionamento desses lugares divergem, mesmo que tenham como princípio básico o bom convívio entre as pessoas e a natureza. A Findhorn Ecovillage é uma referência importante no estudo das ecovilas pelo pioneirismo e pelas dimensões. De acordo com Capello (2013), as ecovilas possibilitam um reconectar com o estilo de vida de povos tradicionais, que engloba valores perdidos na estrutura vertical das cidades. A autora relata ainda que é perceptível a importância da vida comunitária nas ecovilas, nas quais os habitantes vivem como se fossem uma grande família, para além da amizade, a partir de uma sensação de pertencimento e fidelidade uns com os outros. Essa estrutura de vida remete bastante à vida de pequenas comunidades e até cidades pequenas. A diferença, nas ecovilas, está no alerta para uma vida equilibrada com o meio. Nos relatos da autora, percebe-se que nesses lugares há uma preocupação geral com o uso da água, com o cuidado com o solo, com a utilização de energias renováveis, com escolha por uma alimentação saudável, a partir do consumo de produtos locais e da própria produção de alimentos, com a realização de hortas, em uma busca pela autossuficiência e independência, através, por exemplo, de terapias alternativas para equilibrar o corpo, “a alma” e os sentimentos.

Para um aprofundamento das questões é importante uma referência à obra do geógrafo Milton Santos; pois os indivíduos que buscam esses lugares como novo espaço para viver, rompem com a lógica individualista do viver nas cidades, que, por sua vez, agrega o capitalismo voraz, a falta de tempo e por aí vai. No documentário Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá, o geógrafo faz uma análise sobre o processo de globalização e sugere “recomeçar o debate sobre a civilização” (2006).

O documentário relata as consequências que a globalização, no sistema capitalista, tem mudado o sistema econômico na América Latina. Nesse cenário, Santos questiona a

possibilidade de recriar estilos de vida que não se relacionem com o sistema econômico vigente. Dessa forma, vemos os assentamentos rurais como uma forma de conseguir viver nesse mundo, sem , necessariamente, ceder as regras do capitalismo. As pessoas que vivem nesses lugares procuram consumir produtos regionais. As feiras que ocorrem no Vale do Capão, por exemplo, são as maiores fontes de consumo dos moradores. O morador que não possui horta, não deixa de ir na feira para garantir produtos locais. No Vale do Capão foi exatamente isso percebemos: os habitantes evitam consumir produtos industrializados, vestem roupas simples e buscam a valorização da cultura local. Os horários de funcionamento do comércio no pequeno vilarejo, como citamos no livro *Alter Nativos*, diz muito sobre o local.

O ritmo comercial do Vale do Capão segue sem regras fixas, diferente da lógica das grandes cidades. Lá, o tempo marcado pelos ponteiros do relógio é relativo e muda a depender da pessoa, da chuva ou do sol. Os comércios da cidade funcionam de acordo com a rotina de seus donos. Alguns restaurantes e pousadas, que oferecem café da manhã, são os primeiros a abrir, cedinho, por volta das sete da manhã. Já os supermercados, farmácias e lojinhas abrem mais tarde, por volta das oito ou nove (GUIMARÃES, 2017, p. 4)

No trabalho de campo, em cada entrevista, procuramos entender mais profundamente o processo de formação da identidade nesses novos ambientes. Foi importante perceber que esses indivíduos estavam mudando completamente seus estilos de vida, com rotinas, religiosidades e relações com o ambiente bastante diferentes da vida nas cidades. Nos baseamos então no conceito de identidade híbrida proposto por Néstor García Canclini, que acredita na identidade como algo que pode sempre absorver elementos de outras culturas, assim, tornando-as híbridas. Os estudos de Canclini são de fundamental importância para entendermos como funciona a questão identitária nesses ambientes comunitários, onde há convívio de uma comunidade que se une por um propósito de viver em locais sustentáveis, em equilíbrio com a natureza, mas fora isso, muitas vezes não apresentam outros laços. Muitas formações de ecovilas, inclusive, possuem pessoas de diversos países, culturas, religiões e profissões. Para Canclini, a identidade é abordada como uma construção Canclini (2005). O autor afirma que é possível que o indivíduo tenha uma identidade híbrida, à medida que convive com

outras culturas que divergem da cultura que estava habituado Cancline (2005). Ele afirma a importância de se acreditar na heterogeneidade e a coexistência de vários códigos simbólicos em um mesmo grupo.

Um dos autores mais importantes para um amadurecimento do processo de entrevista foi Sebastião Salgado. O livro autobiográfico de Salgado nos inspirou ao retratar os ‘bastidores’ do trabalho do fotógrafo. Nas palavras de Salgado:

Em primeiro lugar conheci o planeta. Eu já havia rodado o mundo inteiro, mas dessa vez tive a sensação de penetrá-lo. Vi o mundo do ponto mais alto ao mais baixo, e andei por toda a parte. Senti-me muito reconfortado, pois o homem das origens é muito forte e muito rico em algo que fomos perdendo com o tempo, tornando-nos urbanos: nossos extintos. [...] Na verdade, estamos abandonando nosso planeta, pois a cidade é outro planeta. (SALGADO, 2014, p. 143-144).

As viagens de Sebastião Salgado para a criação dos livros fotográficos duravam anos. Nesses processos, o fotógrafo aprendeu a conviver com diferentes populações do mundo. A abordagem, a relação de confiança com o indivíduo que será fotografado ou entrevistado, no caso do livro, é essencial para um bom resultado do projeto.

4. JORNALISMO LITERÁRIO

Desde a pré produção tínhamos o objetivo de escrever o livro em um estilo literário e, como no curso de Produção Cultural, não tivemos acesso aos teóricos, logo que começamos o processo de pesquisa, passamos a buscar referências na literatura sobre a temática. Após um levantamento preliminar, optamos pela leitura dos trabalhos dos jornalistas Felipe Pena e Eliane Brum. Essas leituras auxiliaram em todas as etapas do trabalho, desde a realização das primeiras entrevistas. Percebemos, ainda, que nossos

personagens possuíam subjetividades que só poderiam ser captadas com uma abordagem mais antropológica. Nesse particular, o *Olho da Rua*, livro de Eliane Brum, foi um grande aliado. O livro é uma compilação das grandes reportagens da escritora que, após cada texto, relata os bastidores da reportagem e do processo de escrita. Ter acesso a esse material foi essencial para a escrita do livro. As palavras de Brum revelam a sagacidade da autora: “A realidade é complexa e composta não apenas de palavras. É feita de texturas, cheiros, nuances e silêncios” segundo Brum, (2008, p 6).

A leitura de Eliane Brum me fez questionar as reportagens produzidas de forma superficial, sem vivência do local que está sendo retratado ou sem convívio direto com as pessoas. Mesmo em curtas reportagens, Brum se insere na reportagem descendo fundo na realidade que observa. Um exemplo importante do trabalho de Brum é a reportagem intitulada *Casa dos Velhos*. No processo de construção, a escritora chegou a se hospedar em uma casa de repouso para idosos, no Rio de Janeiro. Acredito que o texto nunca teria sido tão verdadeiro se não houvesse a imersão.

No nosso trabalho, entendendo a singularidade de vida dos nossos personagens, tentamos uma inserção máxima na rotina de vida dessas pessoas. Para a realização das entrevistas realizamos uma ‘viagem’ para o Capão. Saímos de Salvador em um sábado pela manhã. A partir do momento que saímos da cidade de Salvador, entendemos que estava começando a reportagem. Era preciso estar atento ao fluxo de carros para o lugar, mudança da vegetação, clima e outras sutilezas. Escolhemos ficar hospedados em uma casa, perto de uma região bem frequentada pelos moradores do lugar. Tentamos ao máximo entrar na rotina e viver o cotidiano das pessoas do lugar. Visitamos os nossos entrevistados e, na residência de cada, ouvimos suas palavras, percebemos modos de vida particulares; buscando sempre semelhanças e diferenças. A relação com os vizinhos, com a natureza e a forma como se relacionavam com suas residências, as decorações, a alimentação. Ao falar com essas pessoas, era preciso ouvir as palavras, os silêncios, perceber os olhares ao longe ao lembrar do passado e revelar histórias, muitas vezes, íntimas.

A tentativa de tornar a escrita do livro mais literária, foi, sem dúvida, o maior desafio

desse projeto. Ao escrever era preciso lembrar das sutilezas que o gravador e a câmera de fotografia não conseguiram registrar. Quem vai para a rua, se arrisca a ver o mundo, Brum (2011). Me arrisquei dentro das minhas limitações, de escrever livro reportagem. Os personagens, levando suas vidas com a mais completa normalidade, não estavam acostumados com o processo de entrevista, mas cederam suas memórias, confiando no projeto. Eram fontes anônimas que possuem enredos se vida que merecem ser conhecidos para encorajar outras pessoas. A experiência de cada história que ouvimos de força dos personagens, motivou a escrita do livro até o final.

5. Processo Criativo

Pois bem, “*Alter Nativos*” começou a ser pensado no sexto semestre (2015.2) do curso de Produção Cultural, na Universidade Federal da Bahia. Nesse momento fizemos a pesquisa teórica do livro. Assistimos a documentários e lemos livros para a fundamentação teórica do projeto, compreensão da realidade de vida na qual essas pessoas estavam inseridas e começamos as pesquisas sobre a estrutura estética do livro. Durante o período que antecedeu a viagem de campo, selecionamos as pessoas que seriam entrevistadas e marcamos, por telefone, as datas dos encontros presenciais. A viagem ocorreu no início de fevereiro e durou 11 dias. Durante a permanência na Chapada, realizamos as entrevistas e acompanhamos nossos personagens em seus locais de trabalho e em suas residências. Gravamos as entrevistas em um gravador eletrônico e tiramos fotografias em uma câmera semi- profissional. No período final do TCC, decupamos os áudios, começamos a escrita do livro e fizemos a seleção das fotos para a ilustração do livro. Durante esse processo, começamos a pensar como seria a diagramação.

6. O FORMATO

O livro será impresso em uma gráfica independente e possui o total de x páginas, no tamanho de 13cm de largura x 18 cm de comprimento costurado com sisal no formato canoa. No miolo do livro escolhemos os papéis vegetais para impressão das fotografias

e o papel Canson bege que lembra um papel reciclado. A capa do livro não terá ilustração. Escolhemos o papel Arge marrom, com fibras aparentes que lembram o grande areal que existe na estrada de Palmeiras até chegar a Vila do Capão.

As ilustrações do livro se dividem entre fotografias de autoria própria, acervo pessoal dos indivíduos entrevistados e uma ilustração em aquarela feita pelo Artista Caio Figueiredo. As imagens são expostas hora no papel vegetal, que as torna mais transparentes, fazendo relação com a uma memória dos nossas personagens, hora impressa no papel canson, mais nítidas.

O formato estético do livro, foi influenciado pela escolha por retornar a natureza, a vida simples, dos nossos personagens. Dessa forma, o livro se apresenta em um formato mais rústico, semelhante a estilo vida dos nossos personagens. Assim, como todo o processo das entrevistas, o material impresso tinha que relatar e trazer nele marcas que representassem as pessoas, o lugar que elas estavam e todo o período de caminhada.

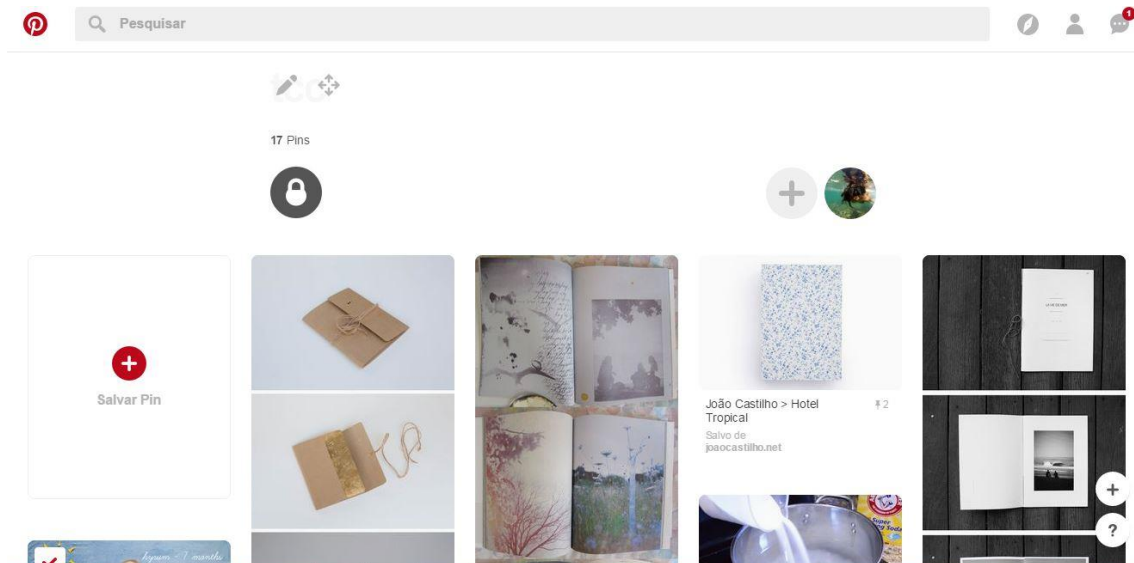
Escolhemos fazer livro artesanal que quebrasse o modelo de livro reportagem convencional e decidimos criar um livro nos moldes de Livro Artista. Esse formato defende que o livro pode ser usado como forma de ampliar as percepções sobre a obra. O formato desse tipo de livro é defendido pela artista visual e fotógrafa Letícia Lampert.

Assim, o livro nunca é apenas a expressão de uma ideia, mas sim a negociação possível feita pelo artista, naquele momento, entre custos e processos de produção. E tudo isto faz parte da obra e do seu discurso como proposição artística.(LAMPERT, 2017)

A diagramação e a estética visual utilizadas foram propositalmente escolhidas para aproximar ainda mais o leitor com a obra. A escolha do sisal na costura do livro, o uso de papéis que remetem a sustentabilidade faz com que a estrutura física dialogue diretamente com o texto. Segundo Silveira (2016) , independente do formato do livro, se textual ou de fotografias, pode-se utilizar o formato como forma do autor se empoderar mais sobre a obra

A identidade visual surgiu após pesquisa de livros impressos por novas editoras

independentes. A pesquisa aconteceu pelo aplicativo do Instagram e por plataformas de bancos de imagens na internet, como o Site Pinterest. Criamos uma pasta para pesquisar diversas possibilidades de formatar o livro.



A tese de doutorado Professor do Amir Brito Cadôr , Enciclopédismo em Livros de Artistas: Um manual de construção da biblioteca visual, também foi uma das nossas fontes de pesquisa, tanto na parte teórica quanto na estética na formulação dos livros. A escolha pelo formato de livro se estabeleceu a partir do momento que decidimos vincular o livro, material físico, a fazer parte da história que será contada no seu miolo. Acreditamos que não teria o mesmo impacto se a história fosse transmitida em um blog ou site na internet.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando o projeto, acredito que o livro *Alter Nativos*, me apresentou um outro olhar sobre o jornalismo. Aceitando minhas limitações, após a experiência, penso em continuar na graduação, fazendo o curso de jornalismo e , posteriormente, continuar com o projeto, relatando as memórias de quem se arriscou e conseguiu mudar radicalmente o seu estilo de vida. A espiritualidade, crenças ancestrais, terapias alternativas ganham espaço nesses ambientes. Penso em continuar o projeto em outros lugares e outros personagens e criar uma reportagem ainda maior, que engloba indivíduos de todo o Brasil. Pensar na produção do livro, na sua estética e imagens foi um momento muito satisfatório no processo de finalização do TCC. A minha formação como fotógrafa, pelo Laboratório de Fotografia da UFBA, me permitiu me sentir mais próxima da parte onde posso brincar com as imagens e fazer, delas, um objeto artístico no livro, através do formato livro de artista. Em futuros projetos, fica a vontade de trabalhar mais com produções de séries documentais de fotografia que compõe o livro. Reviver arquivos fotográficos dos indivíduos e documentar suas memórias.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**. São Paulo: Editora Globo, 2008

CADÔR, Amir Brito. **Enciclopedismo em Livros de Artista**: um manual de construção da Enciclopédia Visual. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Belo Horizonte: Escola de Artes Visuais/ UFMG, 2012.

CANCLINI, Nestor García. "**As identidades como espetáculo multimídia**" in **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2005, 107-116;

ENCONTRO com Milton Santos: **O mundo global visto do lado de cá**. Direção: Sílvio Tandler. Caliban Produções. Rio de Janeiro, 2006. 90 min. 35mm, COR, 2.140m, 24q

GIULIANA, Capelo. **Meio Ambiente e Ecovilas**. São Paulo: Senac, 2013.

LAMPERT, Letícia. **Fotolivro ou Livro de Artista? Eis a questão**. Dobras Visuais, 2015. Disponível em: <http://www.dobrasvisuais.com.br/2015/06/fotolivro-ou-livro-de-artista-eis-a-questao-por-leticia-lampert/> Acesso em: 05 de janeiro de 2017.

MOLISSON, BILL. **A alternativa da Permacultura**. USA: yankee permaculture, 1981.

OLIVEIRA, Edson. **Comunidade do Vale do Capão – o despertar de um novo homem rural**. Bahia Agric, v.4, n.3 2001

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como Gênero e conceito**, disponível em <<http://felipepena.com/wp-content/uploads/2015/03/jornalismo-literario-genero-conceito.pdf>. Acesso: 23 de mai. 2016

SALGADO, Sebastiao. **Da minha terra a Terra** . São Paulo: Paralela, 2014.